

Revista Iniciação & Formação Docente

Dossiê do X Seminário de Leitura e Produção no Ensino Superior

v. 2 n. 1

Julho/2015 – Janeiro/2016

AS RELAÇÕES DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: IMPLICAÇÕES NA PARTICIPAÇÃO DAS MENINAS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA EM UMA ESCOLA PÚBLICA DA CIDADE DE OURO PRETO, MG

THE GENDER RELATIONS IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION: IMPLICATIONS THE PARTICIPATION OF GIRLS IN PHYSICAL EDUCATION CLASSES IN A PUBLIC SCHOOL OF THE CITY OF OURO PRETO, MG

Ana Daniela Damacena

Natalia Daniela Vieira Maximiano

Jairo Antônio Paixão

RESUMO

As aulas de Educação Física são momentos no ambiente escolar em que a relação de gênero se problematiza e seus aspectos históricos contribuíram para dicotomia entre os gêneros durante as aulas. Com o objetivo de analisar a participação das meninas nas aulas de Educação Física neste segmento de ensino, realizou-se uma pesquisa de natureza qualitativa, com cinco turmas da Educação Infantil de uma escola pública e suas respectivas professoras, no primeiro semestre de 2014. Concluiu-se que o gênero feminino se torna submisso quando há um confronto direto com o gênero masculino durante as aulas de Educação Física. É importante estudar o gênero na Educação Infantil para entender o comportamento de meninas e meninos ao longo da vida escolar, e educar, desde o início, para que as diferenças existentes não sejam esquecidas, mais sim entendidas para não sobrepujar uma em relação à outra.

Palavras-chave: Educação Física; Gênero; Educação Infantil.

ABSTRACT

The Physical Education classes are moments in the school environment in which gender relationship is problematized and its historical aspects contributed to the dichotomy between the genders in the class. In order to analyze the participation of girls in Physical Education classes in this teaching segment, it was performed a qualitative research, with five kindergarten classes in a public school and their teachers, in the first semester of 2014. It was concluded that females become submissive when there is a direct

Revista Iniciação & Formação Docente

Dossiê do X Seminário de Leitura e Produção no Ensino Superior

v. 2 n. 1

Julho/2015 – Janeiro/2016

confrontation with males during Physical Education lessons. It is important to study gender in kindergarten to understand the behavior of girls and boys throughout school life, and to educate, from the beginning, so that the differences not be forgotten, but rather be understood not to overpower one to each other.

Keywords: Physical Education, Gender, Childhood Education.

1. INTRODUÇÃO

A Educação tem por função criar condições para o desenvolvimento integral de todas as crianças, considerando, também, as possibilidades de aprendizagem que se apresentam nas diferentes faixas etárias. Uma dessas faixas, a Educação Infantil, é considerada a primeira etapa da educação básica, tendo como finalidade o desenvolvimento integral da criança até cinco anos de idade. Na faixa etária da Educação Infantil, as crianças com a idade de 4 anos são altamente sensíveis, beijam, abraçam, mas também mordem, beliscam e dão tapas inesperados em seus colegas. Nessa idade meninos e meninas brincam juntos, mas a divisão entre os gêneros já é percebida. Assim, “o trabalho e convívio em pequenos e grandes grupos já são possíveis e necessários para as crianças” (RANGEL, 2010).

Outra importante característica nessa faixa etária é utilizar a brincadeira como forma de linguagem. Para Brasil (1998), a brincadeira é uma linguagem infantil que mantém um vínculo essencial com aquilo que é o “não brincar”. Se a brincadeira é uma ação que ocorre no plano da imaginação, isto implica que aquele que brinca tem o domínio da linguagem simbólica. E são nesses momentos do brincar que meninos e meninas se relacionam dando ênfase nas relações de gênero, que podem influenciar na participação de meninos e meninas nas atividades mistas na escola.

Para discutir as relações de gênero, é fundamental compreender o conceito de gênero. Segundo Meyer (2003), aprende-se a ser homem e mulher, este aprendizado inicia-se desde o nascimento no grupo familiar. “Gênero, então, enfatiza a construção relacional do sexo e a organização social dessa construção” (MEYER 2003, p. 262). Essa relação vem de uma construção histórica na qual prevalece uma concepção estereotipada

Revista Iniciação & Formação Docente

Dossiê do X Seminário de Leitura e Produção no Ensino Superior

v. 2 n. 1

Julho/2015 – Janeiro/2016

entre os sexos e, com isso, implicações que se relacionam diretamente com as desigualdades no âmbito social. Tais desigualdades passam pelas maneiras de se comportar, qual profissão escolher, e muitas outras imposições evidenciadas em muitos espaços de convivência entre os gêneros como posições e papéis sociais, questões salariais e outros.

Meyer (2003) afirma que precisamos reconhecer como aprendemos a nos comportar como meninos e meninas e em que espaços acontece essa aprendizagem que direciona o comportamento a um determinado gênero. O espaço de aprendizagem que se coloca em questão é o espaço escolar, o qual produz diferenças e identidades sociais desde a Educação Infantil. Para Altmann *et al.* (2012), o gênero é pensado como uma construção social e relacional, sem descartar as diferenças biológicas, mas parte de um processo maior e complexo que produz diferenças, no qual o espaço escolar se inclui. Meninos e meninas, quando chegam ao ambiente escolar, trazem consigo uma carga cultural que influencia a forma de se comportar e agir com o outro.

Na maioria das vezes, espera-se que meninas e meninos tenham uma maneira específica de se comportar. Assim, das meninas é esperado que se comportem de forma recatada e delicada, ao comer; ao falar e ao sentar-se; que tratem o seu material escolar com mais zelo e que tenham grafia mais legível. Já para os meninos, se aceita, com naturalidade, que sejam mais agitados, não sejam caprichosos com o seu material escolar e se machuquem mais que as meninas. Para Altmann *et al.* (2012), meninos e meninas se comportam de formas diferentes, diante das regras impostas, em função das expectativas das pessoas. Estas expectativas também se fazem presentes na escola.

A escola configura-se como um ambiente de trocas e aprendizagens. Seja referente ao corpo, ao movimentar-se e a preparação para desempenhar diferentes funções na sociedade. Dos tempos e espaços na escola, o recreio e as aulas de Educação Física compreendem momentos da vida escolar de maior interação entre gêneros, com meninos e meninas se confrontando quanto as suas habilidades.

São nesses momentos que meninos e meninas constroem suas próprias regras de ocupação dos espaços, formam grupos e se relacionam dentro e fora desses grupos

Revista Iniciação & Formação Docente

Dossiê do X Seminário de Leitura e Produção no Ensino Superior

v. 2 n. 1

Julho/2015 – Janeiro/2016

respeitando suas próprias regras. Na maioria das vezes, se separando por sexo e por idade, as meninas ocupam o menor espaço enquanto os meninos ocupam a maior parte do espaço disponível para as brincadeiras. Wenez e Stigger (2006) reforçam essa ideia de que o desenvolvimento do recreio, com suas particularidades diferentes, em cada instituição vai se articulando, caracterizando um espaço particular, com regras e negociações próprias, criando sua própria cultura. Juntamente com o recreio, as aulas de Educação Física são momentos no ambiente escolar em que a relação do gênero se problematiza.

Ao falar de gênero e aulas de Educação Física identifica-se que as meninas participam destas de forma mais passiva por não terem a mesma oportunidade de vivenciar, de forma mais intensa, as diversas práticas como a maioria dos meninos e, assim, vão se acostumando a estar em segundo plano na aula e começando a dispensar a participação nas aulas de Educação Física (WENETZ; STIGGER, 2006). A exclusão feminina de determinadas práticas corporais de movimento desenvolvidas nas aulas de Educação Física é uma situação percebida no ambiente escolar desde a década de 1930. Como relata Sousa e Altmann (1999), a mulher era mantida como perdedora porque seu corpo era considerado frágil diante do homem, porém, era considerada vencedora nas danças e nas artes práticas atribuídas ao gênero feminino. Os autores afirmam ainda que a indissociabilidade entre esporte e Educação Física contribuiu para a acirrar ainda mais a separação de gêneros nas aulas, pois alguns esportes eram considerados de gênero masculinos e outros de gênero feminino. Aos homens era permitido jogar futebol, basquete, judô e esportes que exigiam maior esforço e contato físico. Às mulheres eram oferecidos, movimentos suaves e esportes com pouco contato físico, como voleibol e ginástica rítmica (SOUZA; ALTMANN, 1999).

Os aspectos históricos da Educação Física que contribuíram para dicotomia entre os gêneros durante as aulas são o ponto inicial para a discussão sobre a não participação ou participação passiva das meninas nas aulas, pois se acredita que esses aspectos interferem no comportamento dos alunos nas aulas e influenciam professores e demais

Revista Iniciação & Formação Docente

Dossiê do X Seminário de Leitura e Produção no Ensino Superior

v. 2 n. 1

Julho/2015 – Janeiro/2016

pessoas ligadas ao ambiente escolar a agir de formas diferentes com meninos e meninas, contribuindo para a formação do conceito de gênero na sua.

A desigualdade dos gêneros está presente no nosso cotidiano. É na escola, e principalmente, na Educação Infantil que começam as relações sociais entre meninos e meninas, e se faz necessário ser discutida essa desigualdade, visto que esta é um seguimento da educação onde se inicia a vida escolar e precisa ter suas bases fortalecidas. A disciplina Educação Física que está em questão possui um histórico de evasão dos alunos e, principalmente, por parte das meninas, por isso o estudo busca, no começo da vida escolar, as implicações para a participação das meninas nas aulas de Educação Física como base nas relações de gênero, e como os resultados obtidos contribuem para ampliar participação das meninas nas aulas.

Meninos e meninas apresentam comportamentos distintos durante a prática de determinados conteúdos nas aulas e isso nos leva ao seguinte questionamento: a participação nas aulas de Educação Física difere entre alunos e alunas da Educação Infantil?

A partir das considerações apresentadas, o objetivo do presente estudo foi analisar a participação de meninos e meninas nas aulas de Educação Física da Educação Infantil.

2. METODOLOGIA

A presente investigação se caracteriza como um estudo de natureza qualitativa (THOMAS; NELSON; SILVEMAN, 2007). A pesquisa foi realizada em cinco turmas da Educação Infantil em uma escola pública no primeiro semestre de 2014. A pesquisa também envolveu as respectivas regentes e a professora de Educação Física das turmas participantes.

Obtiveram-se os dados através de duas técnicas: observação (SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2013) e questionário aberto (BARDIN, 2011). A observação constituiu no registro da conduta dos alunos e alunas, durante as aulas práticas, distribuídos em

Revista Iniciação & Formação Docente

Dossiê do X Seminário de Leitura e Produção no Ensino Superior

v. 2 n. 1

Julho/2015 – Janeiro/2016

cinco turmas da Educação infantil totalizando 43 horas aula, no período de 07 de abril a 12 de junho de 2014, em atividades mistas e separadas por sexo. Foram consideradas as categorias: participação das meninas durante as atividades mistas e participação das meninas em atividades separadas por sexo. Vale ressaltar que para fins desse estudo considerou-se “participação” a atitude das meninas no que se refere a realização e envolvimento nas práticas corporais de movimento desenvolvidas nas aulas de Educação Física durante o período de observação proposto.

Foi empregado um questionário com questões subjetivas fundamentado a partir do referencial teórico que trata da temática gênero. O referido instrumento foi aplicado às professoras regentes das respectivas turmas. A decisão de envolver as professoras regentes na pesquisa se deu no sentido de entender se as atividades realizadas fora das aulas de Educação Física influenciavam nas relações de gênero durante as práticas pedagógicas da professora de Educação Física.

Na análise dos dados coletados, buscou-se cruzar as informações das observações e dos questionários respondidos pelas professoras.

3. DISCUSSÃO E RESULTADOS

Quando se questionou às professoras regentes de turma quanto à separação de meninos e meninas durante as atividades realizadas na escola, houve uma unanimidade negativa para esta prática e, ainda assim, observou-se, nas aulas a tendência dos alunos a se separarem por gênero para realizarem as atividades propostas nas aulas de Educação Física. Quanto a esse fato, Wenetz e Stigger (2006), em um dos quatro pressupostos apresentados em sua pesquisa, explicam que a educação antes era limitada à família e à escola, mas que se entende que a educação é algo além do âmbito escolar e familiar, ela está também nos meios de comunicação, as artes, a música de diferentes tipos, a informática, os brinquedos, os filmes, as revistas, etc. Mesmo que as

Revista Iniciação & Formação Docente

Dossiê do X Seminário de Leitura e Produção no Ensino Superior

v. 2 n. 1

Julho/2015 – Janeiro/2016

professoras procedam contrárias à separação de gênero, não se deve desconsiderar o ambiente externo à escola.

Nas aulas, observou-se que quando os alunos eram desafiados a realizarem uma atividade de forma individual tanto meninas e meninos participavam sem demonstrarem inibição para a realização da tarefa. O mesmo acontecia quando as atividades proporcionavam rivalidades entre grupos mistos, porém, quando se separava por sexo, as meninas reduziam a amplitude de movimento, uma média de 40% das meninas presentes nas aulas pediam para fazer outra atividade no canto da quadra ou se dispersavam conversando no final da fila. Foi observado que essa parcela se constituía, na maioria das vezes, pelas mesmas meninas. De acordo com o questionário, os alunos trabalham em grupos mistos. Como relatado por uma das professoras regentes

“Acredito que ao realizarem atividades intelectuais ou físicas juntos, estarão naturalmente criando mecanismo naturais de respeito mútuo, já que ao longo do tempo descobrirão um ao outro” (Professora regente do 2º período).

Como se observou que o gênero feminino se torna submisso quando há um confronto direto com o gênero masculino durante as aulas de Educação Física, a história mostra que a Educação Física traz, em suas práticas, heranças da exclusão da mulher no desporto devido a sua condição biológica. Wenez e Stigger (2006) relatam que o esporte funciona como uma legitimação da masculinidade e que não há espaço para as meninas brincarem por dois motivos: serem meninas e menos habilidosas.

A questão da identificação da Educação Física com o esporte faz com que a disciplina, na escola, ainda carregue alguns valores consensuais agregados ao esporte, tal como o esporte ser uma área reservada ao sexo masculino. Fatores que como esse inibem a participação de alguns alunos nas aulas e motivam a reflexão sobre a forma de lidar durante o planejamento metodológico de cada aula.

O prazer de ganhar as pequenas competições durante as aulas fazia com que os meninos pedissem para jogar contra as meninas, principalmente em jogos de estafeta, enquanto as meninas recusavam jogos de estafeta por já esperarem que os grupos fossem separados por sexo. Quando as professoras foram questionadas se, em

Revista Iniciação & Formação Docente

Dossiê do X Seminário de Leitura e Produção no Ensino Superior

v. 2 n. 1

Julho/2015 – Janeiro/2016

atividades em que se envolvessem cores, elas associavam cores a meninas e meninos, uma das professoras relatou da seguinte forma “Esta é uma polêmica que está na questão cultural”.

“É papel da escola contribuir para a superação de preconceitos e desigualdades através da implementação de ideias e valores que não reforcem a concepção de um mundo masculino superior ao feminino, mas que estabeleça condições de igualdade para ambos os sexos” (Professora regente 2º período).

Entende-se, com o que foi observado, que qualquer mera comparação entre meninas e meninos, caía-se na situação de sobrepujarmos as meninas e assim inibi-las em suas ações dentro do ambiente escolar. Meyer (2003) relata que, ao refletirmos o ambiente escolar e o seu currículo com produtores de diferenças e identidades sociais, surge a necessidade de refletir não só os conhecimentos e saberes com que lidamos, mas começamos, também, a perceber o sexismo, o racismo e a discriminação que os ensinamentos veiculam, constroem e ajudam a manter.

De acordo com depoimentos das professoras, a participação de meninos e meninas nas atividades propostas por elas em momentos extra aulas de Educação Física – isso porque elas atuavam como professoras regentes – contribuíam para minimizar situações de sexismo nas aulas de Educação Física. Um dos principais motivos para tal afirmação se deveu às intervenções delas juntos à turma diante de situações que envolviam algum tipo de atitude que levasse à exclusão das atividades propostas.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das constatações obtidas nesta investigação e considerando as suas limitações metodológicas, é possível afirmar que as meninas não participam efetivamente das aulas quando se veem em atividades que causam rivalidade entre os sexos. Associou-se o fato de que, em outros momentos fora das aulas de Educação Física as

Revista Iniciação & Formação Docente

Dossiê do X Seminário de Leitura e Produção no Ensino Superior

v. 2 n. 1

Julho/2015 – Janeiro/2016

atividades serem realizadas em grupos mistos, facilitou para que as meninas, durante as aulas de Educação Física, participassem mais efetivamente das atividades mistas.

Em decorrência de se mostrarem menos habilidosas que os meninos na realização de algumas atividades, em algumas situações, as meninas acabam se excluindo por acreditarem na impossibilidade de êxito sobre os meninos. Em muitos momentos na escola, as questões de gênero emergem com maior intensidade nas aulas de Educação Física e suas implicações devem ser analisadas e consideradas pelos professores no sentido de não erradicá-las por completo, pelo menos minimizá-las no decorrer das práticas pedagógicas realizadas no ambiente escolar. Sobretudo, esses procedimentos configuram-se como formas de se evitar que o masculino sobreponha o feminino, e assim, colocar ambos no mesmo patamar para a aprendizagem.

Os estudos de gênero na Educação Infantil são importantes para entender o comportamento de meninas e meninos ao longo da vida escolar. Assim, é preciso fazer com que, desde o início, a Educação trabalhe para que as diferenças existentes não sejam esquecidas, mais sim entendidas para não sobrepujar uma em relação à outra.

5. REFERÊNCIAS

ALTMANN, H. MARIANO, M.; UCHOGA, L. A. R.; Corpo e movimento: produzindo diferenças de gênero na educação infantil. **Revista Pensar a Prática**. Goiânia, v. 15, n. 2, p. 272-301, abr./jun. 2012.

BRASIL, **Referencial curricular nacional para a educação infantil**: Volume 1. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Trad. Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. 4º ed. Lisboa: Edições 70, 2011.

MARCONE, M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**. 7 ed. São Paulo: Atlas, 2011.

MEYER, D. E. E.; Formação de Educadores. In: **Escola, currículo e diferença**: implicações para a docência. Editora: UNESPE, 2003. p. 257-265.

Revista Iniciação & Formação Docente

Dossiê do X Seminário de Leitura e Produção no Ensino Superior

v. 2 n. 1

Julho/2015 – Janeiro/2016

NEVES, J. L.; Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades. **Cadernos de Pesquisa em Administração**. São Paulo, v. 1, n. 3, 1996.

RANGEL, I. C.; **Educação Física na infância**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2010.

SCHWENGBER, M. S.; Qual o preço de ser menina? Implicações das Expectativas corporais. **Revista Pensar a Prática**. Goiânia, v. 15, n. 3, p. 551- 820, Jul. /Set. 2012.

SOUSA, E. S.; ALTMANN, H.; Meninos e meninas: Expectativas corporais e implicações na educação física escolar. **Cadernos Cedex**, ano XIX, n. 48, Agosto. 1999.

THOMAS, J. R.; NELSON, J. K.; SILMERMAN, S. J.; Pesquisa qualitativa. In: **Métodos de Pesquisa em Atividade Física**. 5 ed. Porto Alegre: Artmed, 2007. cap. 19, p. 297-312.

WENETZ, I.; STIGGER, M. P.; A Construção do Gênero no Espaço Escolar. **Revista Movimento**. Porto Alegre, v.12, n. 01, p. 59-80, janeiro/abril de 2006.